

# FAMÍLIAS MONOPARENTAIS FEMININAS, POBREZA E BEM-ESTAR DAS CRIANÇAS

BILA SORJ (UFRJ)  
ADRIANA FONTES (IETS)

À medida que os arranjos familiares se tornaram cada vez mais diversificados, foi se consolidando no Brasil um discurso público que pretende estabelecer relações causais entre estruturas de famílias, pobreza e vulnerabilidade das crianças. Nesse contexto, as famílias monoparentais femininas<sup>1</sup> passaram a ser vistas como responsáveis pela transmissão intergeracional da pobreza que afeta as oportunidades de vida das crianças.

A preocupação com o bem-estar das crianças ganhou um grande impulso com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990, que forneceu um arcabouço jurídico cujo objetivo é garantir o direito de todas as crianças e adolescentes à proteção e a cuidados especiais.

As políticas públicas inspiradas nos direitos evocados por essa legislação definem as famílias chefiadas por mulheres como alvos prioritários de ações de combate à pobreza, como se as crianças pertencentes a essas famílias fossem as que se encontram sob condições mais severas de risco, comparativamente às crianças pertencentes a outros arranjos familiares.

Esse raciocínio foi muito bem expressado recentemente na justificativa que o Senado Federal apresentou para pleitear políticas públicas focalizadas nas famílias chefiadas por mulheres: “Famílias cuja pessoa de referência é uma mulher com filhos que apresenta rendimentos inferiores à renda familiar média *per capita*. Situação que nos remete necessariamente a pensar e agir por meio de políticas públicas, visto que essas mulheres não têm a mesma oportunidade de gerar renda adicional a não ser à custa do trabalho dos filhos e de outros parentes.” (Comissão Externa da Feminização da Pobreza do Senado Federal, Senado Federal, 2004).

A afirmação de que as famílias monoparentais femininas oferecem condições extremamente adversas para o bom desenvolvimento das crianças disseminou-se no discurso público e, sobretudo na mídia, proliferam enunciados com forte conteúdo moralizante e estigmatizante. As famílias monoparentais femininas são vistas como “famílias desestruturadas”, que exploram o trabalho infantil, que retiram as crianças da escola e as

---

<sup>1</sup> Famílias chefiadas por mulheres e famílias monoparentais femininas não se referem ao mesmo tipo de estrutura familiar. Enquanto que as famílias monoparentais femininas se referem às mulheres que residem em domicílios sem a presença do homem adulto seja em virtude de não-casamento, separação, divórcio ou viuvez, as famílias chefiadas por mulheres com a presença do marido são aquelas identificadas como a pessoa de referência no domicílio.

expõem a situações de risco e de violência. Em contraste, as famílias de tipo nuclear, compostas por casal com filhos vivendo no mesmo domicílio, representariam um modelo de família saudável e capaz de transmitir às novas gerações competências e habilidades facilitadoras da inclusão social.

O objetivo deste artigo é discutir esses pressupostos, ou seja, pretendemos examinar se os arranjos familiares não-convencionais promovem, de fato, uma situação de maior vulnerabilidade para as novas gerações. Esse debate é bastante atual por duas razões.

Em primeiro lugar, porque as famílias monoparentais femininas vêm apresentando um rápido crescimento nas últimas décadas. Embora a maior parcela das famílias ainda seja composta por casais com filhos (50%), esse tipo de estrutura sofreu uma forte retração (em 1981 representava 65%). Em compensação, cresceu expressivamente o número de famílias compostas por chefes mulheres e filhos sem a presença do cônjuge. Hoje, esse é o segundo tipo de família mais comum, tendo passado de 12% nos anos 1980 para 18% em 2006 (Sorj, Fontes e Machado, 2007).

Em segundo lugar, porque os programas de combate à pobreza, que se intensificaram desde os anos 1990, privilegiam as famílias chefiadas por mulheres, pressupondo que nelas as crianças correriam maiores riscos sociais. Assim, por exemplo, no Programa Bolsa Família – que integra o núcleo da estratégia do governo brasileiro de enfrentamento da pobreza mediante a transferência de renda condicionada ao atendimento à educação e à saúde – 46% do total dos grupos domésticos configuram-se como estruturas familiares monoparentais, em sua grande maioria chefiadas por mulheres (Paes-Souza e Vaitsman, 2007). Ao estabelecer uma associação entre estrutura familiar, pobreza e bem-estar das crianças supõe-se que as crianças pobres participantes de outros arranjos familiares estejam em situação de menor vulnerabilidade social.

A nosso ver, a relação entre famílias chefiadas por mulheres, pobreza e bem-estar das crianças deve ser reconsiderada. Neste trabalho, questionamos se as crianças das famílias pobres chefiadas por mulheres estão efetivamente em situação de maior vulnerabilidade comparada à das crianças pobres pertencentes a arranjos familiares convencionais.

O artigo se divide em três partes. A primeira discute a relação entre tipo de família e pobreza definida como insuficiência de renda. A segunda compara as condições dos domicílios, os indicadores educacionais e de trabalho infantil das famílias compostas com os das famílias monoparentais femininas. Por fim, na terceira parte, resumimos as principais conclusões.

## POBREZA E FAMÍLIA

A apreciação crítica da relação entre família, pobreza e bem-estar das crianças requer algumas considerações de ordem conceitual. Como sabemos, as análises sobre pobreza dependem de escolhas conceituais e metodológicas e da disponibilidade de bases de dados para análise.

Para o nosso estudo, importa destacar que a definição de pobreza – que está na origem das afirmações de que as crianças sofrem privações mais severas nas famílias pobres chefiadas por mulheres – se fundamenta, em geral, em uma definição de pobreza como insuficiência de renda monetária. Embora o nível de renda monetária seja um indicador importante para avaliar condições de vida, a situação do domicílio, o acesso a bens de consumo, o nível de escolaridade das crianças e a presença de trabalho infantil podem variar em grupos com nível de renda próximos. Desta forma, é necessário integrar na análise da pobreza outros indicadores que permitam avaliar o estado de vulnerabilidade vivenciado pelas crianças.

Os estudos sobre família e pobreza tomam, em geral, a renda *per capita* familiar como indicador do nível de pobreza da família. Esse critério pressupõe que a família forma uma unidade homogênea, na qual os recursos são distribuídos igualmente entre seus membros. Todavia, muitos estudos têm mostrado (Chant, 2007) que as famílias ou os domicílios são unidades internamente diferenciadas e que a renda pode ser diferentemente distribuída para atender às necessidades dos seus membros, adultos e as crianças.

Aparentemente, há boas razões para pensarmos que existe uma correlação entre pobreza e famílias chefiadas por mulheres sozinhas. De fato, quando a pobreza é medida pela renda monetária da família, observa-se que as famílias monoparentais femininas são desproporcionalmente afetadas pela pobreza<sup>2</sup>.

A Tabela 1 mostra que a pobreza se concentra nas famílias monoparentais, sobretudo nas femininas. Mais da metade das pessoas que estão em famílias constituídas por mulheres sem a presença do marido com pelo menos um filho dependente é pobre, e 33,5% são consideradas extremamente pobres.

TABELA 1  
RENDA E POBREZA POR TIPO DE FAMÍLIA – BRASIL

---

<sup>2</sup> A pobreza foi definida como pessoas vivendo em famílias com renda *per capita* inferior à linha da pobreza. A linha da pobreza é o dobro da linha de indigência, definida como os custos de uma cesta básica alimentar que contemple as necessidades de consumo calórico mínimo de um indivíduo. A linha da pobreza foi estimada, em setembro de 2005, em 163 reais.

|                                                                     | Renda<br>familiar<br><i>per capita</i> | Percentual<br>de pobres | Percentual de<br>extremamente<br>pobres |
|---------------------------------------------------------------------|----------------------------------------|-------------------------|-----------------------------------------|
| <b>Total de famílias com ao menos um filho com menos de 15 anos</b> |                                        |                         |                                         |
| Famílias chefiadas por mulher, sem a presença do cônjuge            | 231                                    | 55,7                    | 33,5                                    |
| Famílias chefiadas por homem sem a presença da cônjuge              | 331                                    | 39,6                    | 19,5                                    |
| Famílias com a presença do casal                                    | 374                                    | 37,8                    | 13,9                                    |
| Famílias chefiadas por mulher, com a presença do cônjuge            | 443                                    | 34,2                    | 13,3                                    |
| Famílias chefiadas por homens, com a presença da cônjuge            | 369                                    | 38,0                    | 13,9                                    |

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) 2005.

Obs: O valor da linha de pobreza é de 163 reais de 2005, utilizando-se o INPC -Índice Nacional de Preços ao Consumidor para o deflacionamento.

Quando comparamos as famílias chefiadas por mulheres sozinhas e aquelas com o chefe homem e a presença da cônjuge, percebe-se que há uma grande distância em termos de pobreza, renda e, principalmente, de indigência. O percentual de pessoas consideradas extremamente pobres (indigentes) nas famílias chefiadas por mulheres sem o marido é mais que o dobro das famílias com o casal.

Vale notar que as famílias mais bem sucedidas financeiramente têm a presença do casal, mas são chefiadas pela mulher. Essa configuração familiar, como mostra a tabela 1, tem a maior renda familiar *per capita* e menores índices de pobreza e indigência, inclusive se comparada com as famílias tradicionais com a presença do casal e chefiadas por homens. Possivelmente, as famílias que identificam a mulher como a pessoa de referência são as menos convencionais, cujas mulheres têm destaque em termos profissionais e que possuem dois provedores de renda adultos no domicílio.

Pode-se supor que a tendência das famílias chefiadas por mulheres sozinhas de apresentarem percentuais tão elevados de pobreza monetária se relaciona fortemente com as desigualdades de gênero no mercado de trabalho e nas responsabilidades familiares. Por ganharem menos, em função da discriminação e da segregação sexual das ocupações (Barros, Fox e Mendonça, 1994; Bruschini e Lombardi, 2003; Lavinás e Nicoll, 2006), as rendas disponíveis nos domicílios que contam com apenas um provedor do sexo feminino seria extremamente reduzida quando comparada aos domicílios com dois provedores ou com um único provedor do sexo masculino.

Além disso, as dificuldades em lidar com as demandas conflituosas entre trabalho e cuidados com a família, que afetam sobretudo as mulheres sozinhas com filhos, repercutem na qualidade dos empregos nos quais se inserem. Sorj, Fontes e Machado (2007) mostram que as mulheres chefes de famílias monoparentais com filhos dependentes se integram no mercado de trabalho pela participação em ocupações de menor qualidade, quando comparadas com os homens em qualquer posição na família e com as mulheres que não têm filhos. Desse modo, as pressões sofridas pelas mães que vivem sozinhas para garantir a provisão e os cuidados da família contribuem para a manutenção da situação de pobreza.

Todavia, o fato de as famílias monoparentais femininas serem menos capazes de mobilizar recursos econômicos não significa necessariamente que essa desvantagem seja transmitida aos filhos, como tampouco o fato de as famílias compostas por casal alcançarem um nível de renda mais elevado, ou por contarem com dois provedores ou porque têm um provedor do sexo masculino, assegura para as novas gerações melhores oportunidades de vida.

Trata-se, portanto, de averiguar se o diferencial de renda observado na tabela anterior em favor das famílias convencionais reflete em outros indicadores de bem-estar da família, como condições dos domicílios, nível de escolaridade dos filhos e presença de trabalho infantil.

## **FAMÍLIAS POBRES, CONDIÇÕES DOS DOMICÍLIOS E BEM-ESTAR DAS CRIANÇAS**

O universo das famílias pobres selecionadas para a nossa análise é mostrado na Tabela 2, que apresenta o número e a composição das famílias com filhos dependentes e sua participação no total de famílias. No Brasil, em 2005, cerca de 26,3 milhões de famílias tinham pelo menos um filho com menos de 15 anos, o que corresponde à quase metade (45,7%) das famílias brasileiras.

TABELA 2  
TIPOS DE FAMÍLIAS COM FILHOS DEPENDENTES (COM MENOS DE 15 ANOS) –  
BRASIL

|                                                                     | Total de famílias               |                                                                |                        | Famílias pobres                 |                                                                |                        |
|---------------------------------------------------------------------|---------------------------------|----------------------------------------------------------------|------------------------|---------------------------------|----------------------------------------------------------------|------------------------|
|                                                                     | Número de famílias (em milhões) | % entre as famílias com ao menos um filho com menos de 15 anos | % no total de famílias | Número de famílias (em milhões) | % entre as famílias com ao menos um filho com menos de 15 anos | % no total de famílias |
| <b>Total de famílias com ao menos um filho com menos de 15 anos</b> | 26,3                            | 100,0                                                          | 45,7                   | 10,9                            | 100,0                                                          | 18,9                   |
| Famílias chefiadas por mulher, sem a presença do cônjuge            | 5,3                             | 20,1                                                           | 9,2                    | 2,9                             | 27,1                                                           | 5,1                    |
| Famílias chefiadas por homem, sem a presença da cônjuge             | 0,5                             | 1,9                                                            | 0,9                    | 0,2                             | 1,8                                                            | 0,3                    |
| Famílias com a presença do casal                                    | 20,5                            | 77,9                                                           | 35,6                   | 7,7                             | 71,1                                                           | 13,5                   |
| Famílias chefiadas por mulher, com a presença do cônjuge            | 1,3                             | 5,1                                                            | 2,3                    | 0,5                             | 4,2                                                            | 0,8                    |
| Famílias chefiadas por homens, com a presença da cônjuge            | 19,1                            | 72,8                                                           | 33,3                   | 7,3                             | 66,8                                                           | 12,7                   |

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) 2005.

Obs: O valor da linha de pobreza é de 163 reais de 2005, utilizando o INPC (Índice nacional de preços ao consumidos) para o deflacionamento.

O número de famílias chefiadas pela mulher, sem a presença do cônjuge e com filhos dependentes é de 5,3 milhões, cerca de 9% do número total de famílias no Brasil. Já o número de famílias com o casal e chefiadas pelo homem é de 19,1 milhões, ou 33,3% do total. Com relação aos classificados como pobres, o número de famílias chefiadas pela mulher, sem a presença do cônjuge e com filhos dependentes é de 2,9 milhões, cerca de 5,1% do total.

Embora o percentual de pobres seja maior nas famílias chefiadas por mulheres sozinhas, como vimos na seção anterior, o número de famílias pobres com o casal chefiadas pelo homem é superior: 7,3 milhões, ou 12,7% do total de famílias no Brasil. Esses dados sugerem que há mais crianças pobres nas famílias compostas do que nas chefiadas por mulheres sozinhas. Esses dois tipos de famílias pobres constituem nossos grupos de interesse, cujos indicadores de bem-estar serão apresentados a seguir.

O primeiro indicador para comparar o nível de pobreza entre os tipos de família selecionados refere-se às condições do domicílio. Trata-se de uma variável altamente relevante, na medida em que representa o ambiente em que as pessoas, principalmente crianças, passam a maior parte do seu tempo. Muitos estudos mostram que domicílios com

situações ambientais inadequadas estão correlacionados à mortalidade e à incidência de doenças infantis (Drachler *et. al.*, 2003).

A Tabela 3 evidencia que as diferenças de renda observadas não se refletem em diferenças nas condições dos domicílios em termos de serviços básicos. O percentual de domicílios com acesso adequado a esgoto, água canalizada, coleta de lixo é sistematicamente maior nos domicílios chefiados por mulheres sem a presença do cônjuge do que nos domicílios com o casal e chefiados por homens, sendo que a maior distância ocorre na variável coleta de lixo. Por exemplo, o acesso a esgoto sanitário chega a ser um terço maior nas famílias chefiadas por mulheres sem o marido do que nas famílias com o casal. A posse de telefone fixo é quase o dobro nos domicílios chefiados por mulheres.

**TABELA 3**  
**CONDIÇÕES DOS DOMICÍLIOS EM TERMOS DE SERVIÇOS BÁSICOS POR TIPO DE FAMÍLIA – FAMÍLIAS POBRES – BRASIL**

|                                                            | %<br>domicílios<br>com acesso<br>adequado a<br>esgoto<br>de<br>sanitário | %<br>domicílios<br>com<br>acesso<br>adequado<br>a<br>água<br>canalizada | %<br>domicílios<br>com<br>coleta<br>de<br>lixo<br>adequada | %<br>domicílios<br>que<br>possuem<br>energia<br>elétrica | %<br>domicílios<br>que<br>possuem<br>telefone<br>fixo |
|------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------|
| <b>Famílias com ao menos um filho com menos de 15 anos</b> |                                                                          |                                                                         |                                                            |                                                          |                                                       |
| Famílias chefiadas por mulher, sem a presença do cônjuge   | 56,9                                                                     | 83,0                                                                    | 84,3                                                       | 96,6                                                     | 27,7                                                  |
| Famílias chefiadas por homem, sem a presença da cônjuge    | 45,5                                                                     | 71,5                                                                    | 72,0                                                       | 90,1                                                     | 24,3                                                  |
| Famílias com a presença do casal                           | 43,5                                                                     | 72,9                                                                    | 67,6                                                       | 92,2                                                     | 15,9                                                  |
| Famílias chefiadas por mulher, com a presença do cônjuge   | 56,2                                                                     | 85,7                                                                    | 88,1                                                       | 97,6                                                     | 25,3                                                  |
| Família chefiadas por homens, com a presença da cônjuge    | 42,7                                                                     | 72,1                                                                    | 66,3                                                       | 91,8                                                     | 15,3                                                  |

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) 2005.

As condições dos domicílios quanto ao material de construção são melhores para as famílias monoparentais femininas do que para as famílias chefiadas por homens com a presença da cônjuge, como mostra a Tabela 4. Já em termos de densidade habitacional, não há diferenças significativas entre os dois tipos família.

TABELA 4  
 CONDIÇÕES GERAIS DOS DOMICÍLIOS POR TIPO DE FAMÍLIA – FAMÍLIAS  
 POBRES – BRASIL

|                                                            | % domicílios com<br>densidade superior a<br>2 pessoas por<br>dormitório | % domicílios<br>construídos<br>com material<br>durável |
|------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------|
| <b>Famílias com ao menos um filho com menos de 15 anos</b> |                                                                         |                                                        |
| Famílias chefiadas por mulher, sem a presença do cônjuge   | 34,2                                                                    | 94,4                                                   |
| Famílias chefiadas por homem, sem a presença da cônjuge    | 28,0                                                                    | 90,5                                                   |
| Famílias com a presença do casal                           | 34,4                                                                    | 92,5                                                   |
| Famílias chefiadas por mulher, com a presença do cônjuge   | 41,8                                                                    | 94,4                                                   |
| Família chefiadas por homens, com a presença da cônjuge    | 34,0                                                                    | 92,4                                                   |

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) 2005.

Outro conjunto relevante de informações diz respeito à posse de bens duráveis apresentados na tabela 5. Esses dados mostram aspectos importantes da evolução das condições de vida da população mais pobre. Segundo Figueiredo, Torres e Bichir (2006), desde 1991 a posse de bens duráveis básicos – televisão, rádio, fogão e geladeira – já era praticamente universal. Embora não tenhamos dados comparativos para os outros bens de consumo duráveis, fica claro o nível de acesso ainda baixo das famílias pobres aos bens mais caros como o freezer e a máquina de lavar.

Quando comparamos a posse de bens duráveis nas famílias pobres, a situação é mais favorável àquelas chefiadas por mulheres que, com exceção do rádio, têm maior acesso aos bens de consumo duráveis do que as famílias com casal chefiadas pelos homens. Podemos sugerir que quando as mulheres estão no comando da família elas têm mais poder para impor suas preferências. Nesse caso específico, provavelmente, elas priorizam investimentos em equipamentos que facilitam a gestão das tarefas domésticas e que permitem uma economia do tempo investido na reprodução cotidiana das necessidades da família.



**TABELA 5**  
**POSSE DE BENS DURÁVEIS POR TIPO DE FAMÍLIA –FAMÍLIAS POBRES –**  
**BRASIL**

|                                                            | %                                         | %                                         | %                                                   | %                                                 |
|------------------------------------------------------------|-------------------------------------------|-------------------------------------------|-----------------------------------------------------|---------------------------------------------------|
|                                                            | domicílios<br>que<br>possuem<br>televisão | domicílios<br>que<br>possuem<br>geladeira | domicílios<br>que<br>possuem<br>fogão               | domicílios<br>que<br>possuem<br>filtro de<br>água |
| <b>Famílias com ao menos um filho com menos de 15 anos</b> |                                           |                                           |                                                     |                                                   |
| Famílias chefiadas por mulher, sem a presença do cônjuge   | 88,7                                      | 77,2                                      | 98,6                                                | 45,1                                              |
| Famílias chefiadas por homem, sem a presença da cônjuge    | 78,1                                      | 69,7                                      | 96,4                                                | 43,4                                              |
| Famílias com a presença do casal                           | 82,8                                      | 71,0                                      | 98,1                                                | 42,5                                              |
| Famílias chefiadas por mulher, com a presença do cônjuge   | 90,5                                      | 78,8                                      | 98,2                                                | 41,2                                              |
| Família chefiadas por homens, com a presença da cônjuge    | 82,3                                      | 70,5                                      | 98,1                                                | 42,6                                              |
|                                                            | %                                         | %                                         | %                                                   |                                                   |
|                                                            | domicílios<br>que<br>possuem<br>rádio     | domicílios<br>que<br>possuem<br>freezer   | domicílios<br>que<br>possuem<br>máquina de<br>lavar |                                                   |
| <b>Famílias com ao menos um filho com menos de 15 anos</b> |                                           |                                           |                                                     |                                                   |
| Famílias chefiadas por mulher, sem a presença do cônjuge   | 79,5                                      | 7,7                                       | 16,2                                                |                                                   |
| Famílias chefiadas por homem, sem a presença da cônjuge    | 78,9                                      | 9,5                                       | 14,2                                                |                                                   |
| Famílias com a presença do casal                           | 80,9                                      | 6,0                                       | 10,9                                                |                                                   |
| Famílias chefiadas por mulher, com a presença do cônjuge   | 79,3                                      | 6,2                                       | 15,7                                                |                                                   |
| Família chefiadas por homens, com a presença da cônjuge    | 80,9                                      | 6,0                                       | 10,6                                                |                                                   |

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) 2005.

Com relação à presença no domicílio de novas tecnologias de comunicação, novamente observamos que quando uma família pobre tem a mulher como chefe, o acesso ao computador, à Internet e à telefonia celular é maior do que quando o casal está presente e o homem é o chefe. Conforme a tabela 6, cerca de 4,5% dos domicílios com família

monoparental feminina têm computador. Esse percentual é menos da metade nos domicílios com a presença do casal e chefiados por homens (1,9%).

**TABELA 6**  
**PRESENÇA DE COMPUTADOR, INTERNET E TELEFONE CELULAR POR TIPO DE FAMÍLIA - FAMÍLIAS POBRES - BRASIL**

|                                                            | % domicílios com acesso a computador | % domicílios com acesso a Internet | % domicílios com acesso a Internet entre os que têm computador | % domicílios que possuem telefone celular |
|------------------------------------------------------------|--------------------------------------|------------------------------------|----------------------------------------------------------------|-------------------------------------------|
| <b>Famílias com ao menos um filho com menos de 15 anos</b> |                                      |                                    |                                                                |                                           |
| Famílias chefiadas por mulher, sem a presença do cônjuge   | 4,5                                  | 2,4                                | 52,9                                                           | 47,8                                      |
| Famílias chefiadas por homem, sem a presença do cônjuge    | 5,1                                  | 3,5                                | 68,5                                                           | 43,3                                      |
| Famílias com a presença do casal                           | 2,0                                  | 0,7                                | 36,0                                                           | 36,8                                      |
| Famílias chefiadas por mulher, com a presença do cônjuge   | 2,4                                  | 0,7                                | 28,3                                                           | 50,2                                      |
| Família chefiadas por homens, com a presença da cônjuge    | 1,9                                  | 0,7                                | 36,6                                                           | 35,9                                      |

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) 2005.

Apesar da baixa disseminação das novas tecnologias de informação entre as famílias pobres, as monoparentais femininas estão saindo à frente no acesso a esses bens. No caso específico do telefone celular, pesquisas em favelas do Rio de Janeiro (Sorj, 2003) mostram que seu uso aumenta significativamente as chances no mercado de trabalho das pessoas que desenvolvem atividades informais, autônomas e de caráter eventual, como é o caso, em particular, das mulheres chefes de família. A possibilidade de localizar pessoas em qualquer lugar e a qualquer momento amplia sua capacidade de gerar renda. Podemos sugerir que o acesso ao telefone celular por parte das mulheres sozinhas favorece, adicionalmente, sua capacidade de exercer algum controle sobre os filhos, que muitas vezes ficam sozinhos em casa no período em que elas estão no trabalho.

Conclui-se que entre as famílias consideradas pobres, embora as monoparentais femininas tenham uma situação financeira mais desfavorável do que as famílias com o casal e chefe homem, as condições dos domicílios em que residem são superiores. Em outras palavras, as distâncias de renda das famílias monoparentais femininas em relação às famílias compostas não se verificam na maior parte dos indicadores das condições domiciliares.

Com base nessas evidências, supõe-se que quando as mulheres têm seu poder de barganha aumentado em face dos homens por serem chefes de família, suas preferências se orientam a

atender as necessidades básicas da família, como é o caso das condições do domicílio. Essa orientação pode ter duas explicações diferentes, que teriam de ser aprofundadas por pesquisas qualitativas: ou se trata do cumprimento do papel tradicional de gênero que valoriza o altruísmo e a domesticidade maternos, ou então de uma decisão estratégica de realizar investimentos nas necessidades básicas da família, tendo em vista que elas não contam com muitas alternativas de apoio.

E para as crianças? Além das condições habitacionais, que diferença faz estarem em famílias monoparentais ou em famílias com o casal para a sua educação e trabalho? A tabela 7 mostra que, seja em famílias pobres, monoparentais ou com o casal, quando chefiadas por mulheres, os indicadores educacionais das crianças são melhores e o trabalho infantil é menor. A exceção a esse padrão é a frequência das crianças à escola nas famílias chefiadas por mulheres sem cônjuge. Provavelmente, quando a mulher é a chefe do domicílio sem a presença do cônjuge há uma maior necessidade dos filhos cuidarem dos irmãos mais novos na ausência da mãe.

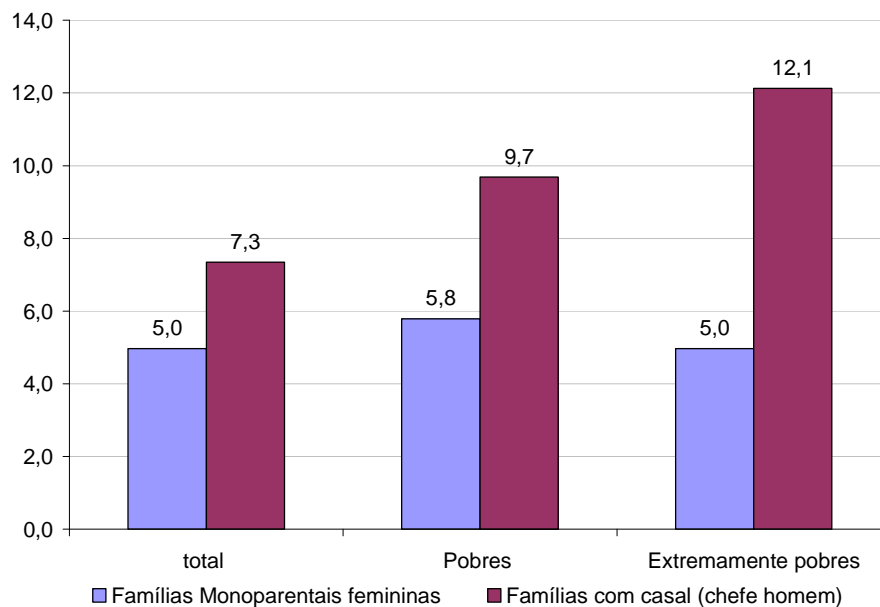
**TABELA 7**  
**ESCOLARIDADE E TRABALHO DE CRIANÇAS DE 7 A 14 ANOS POR TIPO DE FAMÍLIA - FAMÍLIAS POBRES – BRASIL**

|                                                          | Taxa de analfabetismo (%) | Frequência de escolaridade à escola (%) | Defasagem escolar (em anos) | % com 1 ano de atraso | % de crianças com menos de 15 anos trabalhando |
|----------------------------------------------------------|---------------------------|-----------------------------------------|-----------------------------|-----------------------|------------------------------------------------|
| Famílias chefiadas por mulher, sem a presença do cônjuge | 12,9                      | 95,6                                    | 0,9                         | 10,6                  | 5,8                                            |
| Famílias chefiadas por homem, sem a presença da cônjuge  | 20,1                      | 94,2                                    | 1,3                         | 20,6                  | 7,1                                            |
| Famílias com a presença do casal                         | 14,9                      | 96,8                                    | 0,9                         | 12,0                  | 9,4                                            |
| Famílias chefiadas por mulher, com a presença do cônjuge | 12,2                      | 97,0                                    | 0,9                         | 11,3                  | 5,3                                            |
| Família chefiadas por homens, com a presença da cônjuge  | 15,1                      | 96,8                                    | 0,9                         | 12,0                  | 9,7                                            |

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) 2005.

Outro ponto relevante é que a incidência do trabalho infantil é bem mais elevada nas famílias com o casal chefiadas por homens. O gráfico 1 mostra que o trabalho infantil aumenta quando a renda diminui em famílias com o casal, enquanto nas famílias monoparentais femininas o percentual de crianças trabalhando é bem mais baixo e praticamente constante.

GRÁFICO 1  
TRABALHO INFANTIL POR TIPO DE FAMÍLIA - BRASIL



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) 2005.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre gênero, família e pobreza tornou-se, na última década, um tema polêmico na medida em que diversos programas de combate à pobreza no Brasil passaram a focalizar as famílias monoparentais femininas como alvo privilegiado de suas ações.

A base conceitual para a seleção das famílias monoparentais femininas como beneficiárias desses programas fundamenta-se no conceito de “feminização da pobreza” que, segundo Bridge (2001), significa que a incidência da pobreza entre as mulheres é maior que entre os homens, que a pobreza delas é mais severa que a deles, e que a tendência à maior pobreza das mulheres está associada ao crescimento das famílias monoparentais femininas.

Todavia, vários estudos recentes mostram os limites conceituais e metodológicos que informam o conceito de “feminização da pobreza”, notadamente a noção de que as famílias monoparentais femininas seriam as mais pobres entre as pobres.

Lefaucheur (1988) argumenta que não se deve explicar a pauperização relativa das famílias monoparentais pelo único efeito da monoparentalidade: sexo, idade, etnia, tempo de duração da conjugalidade, entre outros fatores, influenciam as condições de vida de uma família monoparental.

Medeiros e Costa (2006), a partir de dados de pesquisas domiciliares realizadas em oito países da América Latina, concluíram que as diferenças nos níveis de pobreza entre tipos de família estão mais relacionadas à existência de filhos do que propriamente à estrutura monoparental feminina da família. Contestando a tese da “feminização da pobreza” Lavinas e Nicoll (2006) mostram que, no Brasil, entre os 10% mais pobres em termos de renda monetária, o número de famílias chefiadas por mulheres e chefiadas por homens é equivalente.

Chant (2007) estudando a questão da “transmissão intergeracional da pobreza” em vários países argumenta que as estruturas familiares chefiadas por mulheres sem a presença do parceiro não são um bom prognóstico das oportunidades de vida iniciais das crianças nem das trajetórias percorridas na adolescência e na vida adulta. Baseada em evidências de vários países, a autora contesta a visão de que as famílias chefiadas por mulheres acumulam desvantagens superiores às famílias compostas por casais. Ao introduzir em sua análise sobre pobreza a perspectiva das relações de gênero, considera que a chefia feminina das famílias pode ser entendida como um meio de as mulheres ganharem maior controle sobre suas vidas e de conseguirem assegurar melhores condições de vida aos seus descendentes.

Em nosso estudo também não encontramos evidências que corroborem a afirmação em voga de que as famílias monoparentais femininas oferecem condições mais adversas para o bom desenvolvimento das crianças. Mediante a comparação entre famílias monoparentais femininas e as famílias compostas, identificamos que as primeiras não estão necessariamente em desvantagem em vários dos indicadores socioeconômicos selecionados.

Apesar de as famílias monoparentais femininas terem, em média, renda inferior a das famílias com o casal e chefe homem, as condições dos domicílios em que residem são superiores, o trabalho infantil é menor e apresentam melhores resultados na maioria dos indicadores educacionais.

Esses achados permitem questionar o senso comum que nos diz que as crianças das famílias pobres chefiadas por mulheres estão em uma situação de maior vulnerabilidade quando comparada à das crianças pobres pertencentes aos arranjos familiares convencionais. Desse modo, podemos sugerir que políticas de combate à pobreza que focalizam estruturas familiares específicas correm o risco de deixar muitas crianças pobres fora do seu sistema de proteção.

Não queremos dizer com isso que os programas de redução da pobreza deveriam privilegiar outros arranjos familiares. Se o objetivo dessas políticas é o de reduzir a transmissão intergeracional da pobreza, então todas as crianças em situação de

vulnerabilidade social deveriam ser contempladas, independentemente do arranjo familiar a qual pertençam.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, R. P.; FOX, L.; MENDONÇA, R. Female-Headed Households, Poverty, and the Welfare of Children in Urban Brazil. *Policy Research Working Paper 1275*, The World Bank, 1994, 46 pages.

BRIDGE. Briefing Paper on the Feminization of Poverty. Institute of Development Studies, University of Sussex, April, 2001, 8 pages.

BRUSCHINI, C., LOMBARDI, M. R. Capítulo Suplementar – mulheres e homens no mercado de trabalho: um retrato dos anos 1990. In: MARUANI, M; HIRATA, H. (dir.), *As novas fronteiras da desigualdade. Homens e mulheres no mercado de trabalho*. São Paulo: Senac, 2003.

CHANT, S. Female household headship and the feminization of poverty: facts, fictions and forward strategies. *New Working Paper Series*, LSE Gender Institute, Issue 9, London, London School of Economics, 2003.

\_\_\_\_\_. Children in female-headed households: interrogating the concept of an “intergenerational transmission of disadvantage” with particular reference to the Gambia, Philippines and Costa Rica. *New Working Papers Series*, LSE Gender Institute, Issue 19, London, London School of Economics, 2007, 107 pages.

DRACHLER, M. *et al.* Social inequalities and other determinants of height in children: a multi-level analysis. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.19, n.6, p.1815-1825, 2003.

FIGUEIREDO, A. C.; TORRES, H. G.; BICHIR, R. M. A conjuntura social brasileira revisitada. *Novos Estudos Cebrap*, n.75, jul. 2006, p.173-183.

LAVINAS, L.; NICOLL, M. Atividade e vulnerabilidade: quais os arranjos familiares em risco. *Dados*, v.49, n. 1, p. 67-97, 2006.

LEFAUCHEUR, N. Les “familles monoparentales” en questions. Parents seuls: la famille après le divorce. *Dialogue*, Paris, n.101, 1988.

MEDEIROS, M.; COSTA, J. Poverty among Women in Latin America: feminization or over-representation? *Working Paper*, International Center, UNDP, n.20, may, 2006.

PAES-SOUSA, R.; VAITSMAN, J. (dir.). Síntese das Pesquisas de Avaliação de Programas Sociais do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome. *Cadernos de Estudos: Desenvolvimento Social em Debate*, n.5, 2007.

SORJ, B., *brazil@digitaldivide.com* *Confronting inequality in the information society*. Brasília, Unesco Brazil 2003.

SORJ, B.; FONTES, A.; MACHADO, D. C. Políticas e Práticas de Conciliação entre Trabalho e Família no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, v.37, n.132, set./dez., p.573-594, 2007.